

# Realizações modernas e gente antiga

CMP 2.1.9.36

Celso Maria de Mello Pupo

A saudade é o consolo dos velhos que se comprazem rebuscando a memória e revidando feitos para repetir a vida já vivida, mais cheia de flores e de mais encanto com o passar do tempo. A história das gentes, de mais sabor para os paulistas que souberam sempre dela cogitar, se refaz com fatos e realizações modernas da querida Campinas, como ora acontece na inauguração do Cine Windsor construído no terreno do antigo e magestoso palacete de Austero Penteado, onde eu ia quando menino para cumprimentar sua esposa D. Carolina Prado Penteado, com o tratamento que só se justificava pela amizade, de "Tia Carolina".

Esta Senhora era dos antigos Prados da capitania. E para lembrá-lo, devemos considerar que, mais acorde com a biologia, a legislação portuguesa reconhecia a transmissão da nobreza por pai ou por mãe, permitindo, então, o uso de apelidos maternos muitas vezes preferencialmente aos paternos menos nobres ou menos conhecidos. Disto resulta que a varonia, em muitos casos, completa-se com apelidos até ignorados pelas gerações contemporâneas, enquanto o apelido em uso tem de ser pesquisado também em linhas femininas.

Prado é um nome ilustre desde os primórdios do povoamento de São Vicente, fixado em nosso país por João do Prado, da praça de Olivença, que iniciou esta grande família. Sua filha Helena casou-se com Pedro Leme, de São Vicente, dos primeiros Lemes desta capitania, e foi mãe, por este casamento, do Capitão Pedro Leme do Prado, fundador da ermida de N. S. da Estrela de Juqueri, residente em Jundiá desde 1646.

Desta data se conta a permanência do ramo campinense em Jundiá. Foram filhos deste capitão, três religiosos: o Padre Pedro Leme do Prado nascido em São Paulo em

1632, ordenado em Lisboa, administrador da ermida citada e vigário de Parnaíba; Frei Sebastião de Santa Maria, carmelita, e Frei Braz de São Simão, franciscano. Também filha de Pedro Leme foi D. Maria do Prado em quem continuou o futuro ramo campinense pelo seu casamento com Lucas Fernandes de Matos, falecido em Jundiá em 1707, de quem nasceu D. Páscoa Leme do Prado.

D. Páscoa casou-se com o capitão-mor Antonio da Costa Reis e foi mãe de D. Josefa da Costa Leme, casada com Miguel Alvares dos Santos que foi também capitão-mor de Jundiá e que, por este casamento foi pai do Capitão Raimundo Alvares dos Santos Prado (I).

Este capitão nasceu em Jundiá e, em 1797, pela segunda vez passou a residir em Campinas. Filho e neto de nobres paulistas e de reinos altamente colocados, dispozo da amizade do capitão general Antonio Manuel de Mello Castro e Mendonça, foi o candidato governamental a primeiro capitão-mor de Campinas, com o que não concordou a nobreza campinense criando-se o conflito da política local com o governo da capitania.

Desta luta resultou apaixonada correspondência com o capitão general, na qual os grupos contendores abundaram em qualificativos desairosos ao adversário, dificultando a apreciação dos fatos pelo historiador que não pode olvidar a origem de tais cartas e a exaltação de ânimos que as ditou. A luta chefiada, de um lado pelo Capitão Raimundo e de outro pelo Capitão Felipe Neri Teixeira, não criou inimizade entre as famílias, pois, falecen-

do D. Angela Isabel Maria de Sousa, cunhada de Felipe Neri, testou em 1830 deixando, como lembrança, "uma dobra" a cada uma das filhas, Maria e Gertrudes, do Capitão Raimundo.

Como conta o sábio Joaquim Correa de Mello, foi o Capitão Raimundo o primeiro a plantar café nesta região da capitania, e o fez por curiosidade, no quintal do seu sobrado em Jundiá, com semente obtida do amigo Capitão General Mello e Castro; admite Correa de Mello que desta planta tenham vindo sementes para plantações de uso próprio, antes das plantações para lucro.

O Capitão Raimundo foi casado com D. Catarina Maria de Lacerda, de fina linhagem, falecida em 1800 em Campinas onde também faleceu seu marido em 1843. Dos seus seis filhos, o quinto, o Porta Estandarte José Joaquim dos Santos Prado, deixou ilustre geração, e o sexto, Alferes Raimundo, permaneceu em Campinas dando a esta cidade sua descendência de lustre e benemerência.

O Alferes Raimundo Alvares dos Santos Prado Leme (II) casou-se em Campinas a 1.º de outubro de 1818 com d. Maria Miquelina de Castro Camargo, filha do Sargento-mór Miguel Ribeiro de Camargo e de D. Querubina Rosa de Azevedo e Castro. Dotado de incomum atividade, foi ele vereador em 1822 e 1827, procurador e secretário da Câmara de 1829 a 1842, promotor interino e tabelião e escrivão e coletor de Campinas em cuja coletoria estadual permaneceram inúmeros documentos com a horrível caligrafia deste valoroso campinense. Todo o seu despendimento, toda a sua dedica-

ção ao bem público, entregando-se a atividades das quais não lhe podia advir vantagens dando-lhe apenas benemerência e estima pública, caracterizaram também seus descendentes, seguidores e imitadores dos seus préstimos. Dentre os seus filhos, ocorre registrar:

Padre Januário Maximo de Castro Camargo e Prado que foi vigário de Jaú.

Francisco de Assis dos Santos Prado, fazendeiro e farmacêutico, convencional de Itú, residente em Amparo onde foi elemento de destaque na vida pública, caridoso e benemérito protetor do Hospital Ana Cintra ao qual, entre outros beneficícios, fez valioso donativo.

Diogo Prado, o mais destacado colaborador de Dom Joaquim José Vieira na fundação da Santa Casa e do seu asilo de orfãs, instituição que dele recebeu trabalhos ingentes, dedicação e carinho, e o legado de todos os seus bens. Dele disse o Santo Fundador: "meu amigo Diogo Benedito dos Santos Prado, paulista distinto, homem de fé robusta, de uma dedicação sem limites a todas as idéias generosas, e de caráter tão honrado quanto benévolo; sua morte que cortou a continuação de seus assinalados serviços, a que se deve em grande parte este edifício, é com razão pranteada por todos; e este estabelecimento é o monumento a perpetuar-lhe a memória".

Capitão Raimundo Alvares dos Santos Prado Leme (III) falecido em Campinas aos 14 de junho de 1903, foi casado com D. Joaquina Franco de Andrade, neta paterna do Comendador José Franco de Andrade e bisneta de João Francisco de Andrade, capitão-mor de Campinas; teve

ele na sua vida registro de serviços à coletividade, como tradição da sua estirpe. Serviu a pátria na guerra do Paraguai, foi representante de Campinas na Convenção Republicana de Itú, prestou inestimáveis serviços à Companhia Mogiana desde sua fundação e como colaborador eficiente ao lado do dinâmico Visconde de Indaiatuba. Faleceu como decano dos funcionários da Mogiana, benquista e admirado pelos serviços que prestou à sua terra, pelos seus dotes de coração e de caráter, além das outras raras virtudes que possuía.

Seus filhos também serviram Campinas que ainda se recorda de Francisco Prado, homem cheio de virtudes que deu a São Paulo um filho para o sacrifício do movimento de 1932, padrão de dignidade, emérito servidor da municipalidade.

Foi sua filha D. Carolina Prado Penteado, esposa de um dos grandes protetores da Santa Casa, Austero Penteado que, com seus irmãos Severo e Salustiano, doaram vultoso patrimônio que permitiu à Irmandade de Misericórdia construir todo o Hospital Irmãos Penteado. D. Carolina, já viúva, ao testar seus bens, legou à Santa Casa outro grande patrimônio compreendendo o imóvel no qual se levanta o Cine Windsor, realização de renda muito significativa na assistência aos pobres de Campinas.

Ainda vivem nesta cidade três filhas do Capitão Raimundo, sendo uma delas D. Amália Prado Pinto viúva do estimado Antonio Pinto de Moraes e que, cercada do carinho dos seus filhos, netos e bisnetos, completou aos 23 de janeiro seus noventa e cinco anos, na plena lucidez de sua inteligência e do seu entranhado amor à terra campinense, como símbolo da mãe valorosa e dedicada que tem sabido, em sua longa existência, honrar o renome dos seus maiores e distribuir a bondade do seu coração.